



O Não Lugar do Feminino: *reflexões
sobre a representação objectual da
mulher*

Nair Teles

Conference Paper nº 34

III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO IESE

“MOÇAMBIQUE: ACUMULAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM CONTEXTO DE CRISE INTERNACIONAL”

(4 & 5 de Setembro de 2012)

O não lugar do feminino: reflexões sobre a representação objectual da mulher.

Nair Teles, PhD

Departamento de Sociologia

FLCS-UEM

ntelesuem@gmail.com

Tel. 847401696

Em 2011 realizamos, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD em Moçambique, duas pesquisas, uma relativa a relação entre ser mulher e pobreza e a segunda sobre o comportamento de risco e prostituição. Estas duas reflexões deram origem ao trabalho intitulado *Rostos de Mulher* que procura perceber o que há por trás do fato de ser mulher e a exposição a situações de extrema vulnerabilidade social, cultural e económica favorecida por um contexto no qual a mulher é coisificada. O eixo do estudo é pois a coisificação do género feminino que decorre dentre outras das relações de género que são perpetuadas por uma estrutura socio, económica e familiar que dá à mulher um *não lugar* ou melhor *um lugar de uso* a partir do qual ela se projeta, projeta o outro e seu universo.

Então, nossa reflexão não tem uma perspectiva económica mas traz à esse campo uma questão que, num primeiro momento, pode parecer não ter relação com a temática da Conferência que é "**Moçambique: Acumulação e Transformação num Contexto de Crise Internacional**".

Não vamos nos ater aos aspectos económicos por considerarmos que outros mais qualificados do que nós podem fazê-lo e de forma mais competente. Entretanto, gostaríamos de salientar alguns pontos que servem, nesta comunicação, como ilustrativos que são:

- ✓ O fato de Moçambique situar-se em terceiro lugar, como um dos países mais pobres do mundo, no Índice de Desenvolvimento Humano-IDH dentre os 187 países considerados para o estabelecimento desse Índice, embora desde os anos 1990 até 2011, o valor do IDH tenha tido um aumento de 61%. Nos últimos onze anos, o aumento anual médio no valor do IDH para Moçambique registou um crescimento de 2.49%, colocando-o, em termos de desempenho, dentre os 5 melhores. (Kring, 2011);
- ✓ O Produto Interno Bruto-PIB é de US\$ 500; (Francisco, 2012)
- ✓ Em 50 anos a esperança de vida passou de 30 para 35 anos;
- ✓ A renda média da população rural é de pouco mais de US\$50 por ano;
- ✓ Cerca de 78% da população adulta está excluída do sistema financeiro, formal e informal.

Diante do quadro económico acima apenas esboçado salientamos uma afirmação de Castel-Branco sobre como combater a pobreza. Segundo ele, em Moçambique, o combate a pobreza está inscrito na dimensão política que *“reflete uma preocupação social, mas que não formula essa preocupação cientificamente. Logo não há uma resposta científica directa...”* (Castel-Branco, 2012, Pp.3)

E o autor, no mesmo texto, sugere que as abordagens sobre a pobreza devam levar em consideração as dinâmicas, *“estruturais e as relações sociais e económicas de produção e distribuição em contextos históricos específicos”* fazendo com que a pobreza seja investigada *“em termos dessas dinâmicas, estruturas e relações sociais que, no contexto histórico da construção do capitalismo, se referem ao modo de acumulação de capital.”* (Idem, Pp. 7)

A partir dessa perspectiva lançamos ao debate uma vertente que compõe essas dinâmicas e que está afeta a não equidade de género. Entendemos que ao invés de trazermos, dentre outros, dados relativos a diferença económica entre homens e mulheres devemos refletir sobre algo que, no nosso entender, antecede a toda possível problematização de diferença de género que é o lugar que essa mulher ocupa na vida cotidiana, nas relações familiares, sociais, e de trabalho em Moçambique. E o faremos a partir dos dados obtidos sobre as pesquisas salientadas mais acima, dados esses verdadeiros para o grupo de mulheres com quem trabalhamos, mas que nos permitem inferir sobre a população mais ampla. Assim, antes de pensarmos sobre o contexto de crise internacional e suas consequências, há aspectos precedentes que complexificam toda a dinâmica salientada por Castel-Branco.

No dia-a-dia, vivido por essas mulheres a atual crise económica mundial lhes é estranha. O desconhecimento sobre o que é essa tal crise, suas dimensões, sua relevância para suas vidas, as consequências no desemprego, entre outras, lhes soam de forma estranha já que suas vidas, seu cotidiano, com ou sem crise pouco se altera. O não lugar pouco se altera, se quando para o negativo, e é de lá que essas mulheres apreendem os efeitos de políticas públicas económicas e sociais que na prática reforçam uma representação objectual e o uso instrumental da mulher.

O estudo por nós realizado centrou-se na vida cotidiana de 459 mulheres, de 14 anos e mais, residentes no Bairro Luis Cabral (Chinhambanine), na Cidade de Maputo, a fim de perceber a exposição a situações de vulnerabilidade social, cultural e económica favorecida por um contexto no qual ela é coisificada. E nas histórias de vida de 30 trabalhadoras do sexo, entre 31 e 35 anos, contactadas em algumas ruas da Baixa da Cidade e no Bairro Trevo, na cidade da Matola, sobre a vulnerabilidade dessas mulheres face ao HIV/SIDA.

A partir das pesquisas realizadas foi possível nos aproximar de uma realidade que num primeiro momento poderia nos levar à uma explicação fácil e linear, de subjugação do

feminino já tantas vezes destacada na literatura de género.¹ Entretanto, decidimos teoricamente correr o risco de iniciar uma abordagem um tanto ou quanto diferente, sem obstante relegarmos a produção académica do campo.

O eixo do estudo é, pois, o *não lugar do feminino* conceito construído a partir da síntese de três processos concomitantes que são, a coisificação do género feminino, ou seja, *o de ser em coisa ficar*, fenómeno este que decorre das relações de género que são perpetuadas por uma estrutura sociofamiliar que dá à mulher um *não lugar*, ou melhor, um *lugar de uso* formatado por uma representação objectual do género feminino e o uso instrumental da mulher.² E é a partir do *não lugar do feminino* que ela se projecta, projecta o outro e o seu universo.



As pesquisas nos levaram a perceber a existência de um eixo comum aos dois grupos pesquisados e aparentemente díspares – mulher pobre e mulher trabalhadora do sexo – que é o *não lugar do feminino*, que nos permite inferir sobre a representação objectual da mulher. Não é a pobreza que aproxima esses dois grupos, mas o partilhar de uma mesma condição social e familiar que lhes confere um uso, *o de ser em coisa ficar*.³ E nesse contexto as crises económicas e suas consequências aparecem como marginais.

Os resultados destes dois estudos leva-nos a afirmar que a dominação e exploração realizada por meio das relações sociais estabelecidas entre os sexos, gradativamente recai sobre a forma como o corpo é "visto" e os princípios de distinção entre as interações masculino e feminino passam a permear e nomear as coisas, "uma ordem silenciosa" que naturaliza a diferença por meio da dominação sedimentada pelo *habitus*.⁴

¹ BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, 1990; BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge, 1990; KIMMEL, Michael. *Inequality and difference – The social construction of gender relations*. In: *The gendered society*. New York: Oxford University Press, 2000; CORNELL, Drucilla, (org) *Feminismo como crítica à Modernidade*. RJ: Rosa dos Tempos, 1987, dentre outros.

² A bibliografia sobre representação objectual será no corpo do texto assinalada.

³ As noções: *o de ser em coisa ficar*, *o não lugar*, *o lugar de uso*, foram cunhadas pela autora do capítulo. *O de ser em coisa ficar* significa o processo de coisificação do feminino; *o não lugar* significa o lugar institucional da mulher nas relações sociofamiliares; *o lugar de uso* significa a provedora de vida e de prazer. O conceito *não lugar do feminino* contém as três outras noções e as diferenciações entre elas visam focalizar aspectos específicos que constituem este conceito.

⁴ Habitus: "Um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização...A interiorização constitui um mecanismo essencial da socialização, na medida em que os comportamentos e valores aprendidos são considerados óbvios, como naturais, como quase intuitivos." (Bonnwitz, 2003, Pp. 77)

Este processo é possível, pois ele é feito através da objetivação das estruturas sociais e atividades produtivas e reprodutivas, que se tornam num sistema compartilhado que afeta o pensar, a percepção e as ações dos indivíduos. Essa maneira de ver e de viver, apesar de historicamente dada, é consensual e é vista como transcendental. Este processo é viável, porque decorre da incorporação das relações de dominação que continuamente, diuturnamente, é pelos indivíduos e pelas instituições naturalizadas e as torna "invisíveis".

Neste sentido, o oprimido sente, pensa e age a partir do local onde ele está, dentro e através da perspectiva do dominante. Essa violência simbólica é possível pela incorporação, em diferentes graus de consciência, da relação de dominação.

O que faz com que o dominado contribua para o reconhecimento desta relação (dominador e dominado) e a aceite-a "tacitamente", depende do processo de cognição (ajuste inconsciente) e os interesses envolvidos. Essa violência simbólica está, portanto, diretamente relacionada com as condições objetivas de dominação, ou seja, essas condições diminuem ou param quando a dependência objectiva, que construiu essa relação de dominação, diminui ou enfraquece.

A extensão dessa violência também envolve o corpo e como os indivíduos interagem uns com os outros, como eles vêem e apreendem suas vidas. Estruturas que produzem e reproduzem o *habitus* são inseparáveis para ambos os sexos. Submissão objectiva e subjetiva estão em conjunção com a objectividade das estruturas sociais.

Acreditamos que os dados e informações obtidas nos dois trabalhos são suficientes para significar as noções por nós construídas do *não lugar da mulher, o ser em coisa ficar e o lugar de uso*. A mulher na casa e na rua, esta última considerada como um caso limite de radicalização do processo de coisificação, nos levou a perceber sua condição como sendo "natural"; pois há uma apreensão cognitiva de uma divisão objectivada; há a incorporação de uma identidade social que vai até ao ponto de construir uma identidade social que a associa a um corpo; há as formas de perpetuação de um *status quo* de um lado pela forma como o relacionamento com o homem se dá e do outro lado como a família se organiza, influenciando a maneira como essa mulher se vê, percebe o seu lugar, o seu mundo, como ela vive e atua.

A mudança ou a transformação do *status quo* da mulher é muito difícil se não impossível, dado que as condições são objectivadas e incorporadas. Há tantos fatores a considerar que somos tentados a negligenciar a existência de ambigüidades, dúvidas, estratégias, uma vez que estas mulheres são vistas a partir de um *não lugar* - sua participação neste contexto é possível porque elas encarnam esse *não lugar* como sendo parte delas mesmas e objectiva pelo bias de acções que concretizam essa incorporação.

Mas as ações que compõem seu dia-a-dia não são somente marcadas por uma reprodução automática que reforça o seu *não lugar*; essa mulher introduz alterações, embora pequenas, em sua vida e nas suas interações sociais, promovendo mudanças que são mais adaptativas e progressivas. A circularidade entre o mundo vida e o sujeito (a mulher) é um processo dinâmico que envolve a ambos, o mundo vida é constituído por e através do sujeito e o sujeito é constituído pelo mundo vida. A reflexividade ocorre na concomitância da incorporação das regras que são "imutáveis" e das ações dos agentes sobre o mundo vida, ou seja, da capacidade de refletir sobre as condições de sua existência e mudá-las. Há uma compreensão limitada do mundo onde as atualizações progressivas se dão fazendo com que limites sociais se alarguem, uma vez que se deve considerar as condições históricas presentes nas estruturas objetivas e cognitivas. (Kaufmann,2004)

Em casa e na rua, as mulheres são objetivadas, "inscrites" em um *representandum* que é mais real que a realidade. E o aprendizado de si mesma é dado através das representações que os outros têm dela, no entanto, este "processo de ser" contém uma ambiguidade que reside no fato de que no ato da cognição é possível recuperar aquilo que ela é nela mesma através daquilo que ela significa para os outros. Então, sutilmente constrói-se espaços de negociação, resistência, mudança, decisões que são tomadas (Giddens, 2002, p. 272) e que afetam a " identidade que se tem de si própria", apesar dos constrangimentos sociais sob os quais ela vive, ela aprende a dominar as respostas adequadas que se espera dela. O grau de elasticidade da reflexividade da ação contida em suas vidas diárias, varia mais ou menos, na medida em que ela pode, em graus variados, proceder a uma individuação vis-à-vis de outras alternativas, colocando perguntas que ela pode fazer sobre ela própria, sobre seus relacionamentos sociais, sobre o contexto em que está inserida, no entanto, essa individuação é frágil porque, por um lado, está submetida aos ganhos de autonomia e de outro, a perda de aceitação socio-familiar.

No contacto estabelecido com as mulheres que faziam parte das duas pesquisas, fomos levadas a perceber que havia algo mais do que as condições materiais de existência, que lhes atribuía um *não lugar*. Nós nos perguntamos o que estava por trás do fato de ser mulher e estar exposta a situações de vulnerabilidade social, cultural, econômica e, às vezes, em circunstâncias de extrema exposição, como é o caso dos trabalhadores sexo. No início, talvez porque era mais fácil fomos levadas a associar o *não-lugar do feminino* a situações de pobreza, mas vimos que havia algo que era favorecido por um contexto sócio-familiar, e além dele, em que a mulher é reificada.

Vimos que o *não lugar do feminino* está inscrito na realidade e na atitude "natural" do senso comum que remete para um sentido compartilhado que permite que os indivíduos possam estabelecer relações sociais e compreender-se uns aos outros. Acreditamos que tenhamos conseguido perceber o *não lugar do feminino*, na medida em que este conceito é significado por uma forma de pensar e de agir, dirigida por um

processo cognitivo relacionado a uma estrutura social objetiva, o que leva à sua eficácia social, económica e cultural.

Entendemos que as reflexões académicas e as políticas públicas de cunho económico, e não só, devam levar em consideração o *não lugar do feminino* sob pena de andar-se em círculos relegando *ad eternum* o processo de mudança estrutural que independe da existência ou não de crises.

Bibliografia

ARTHUR, Maria José (2000) *Políticas da Desigualdade? Primeiros elementos para uma avaliação das políticas de género do governo e ONG's, após Beijing 1995-1999*. Forum Mulher: relatório final. Maputo.

BASSANI, Jaison J. & VAZ, Alexandre F. (2008) *Técnica, Corpo e Coisificação: notas de trabalho sobre o tema da técnica em Theodor W. Adorno*. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, nº 102, p. 99-118, jan./abr. 2008, 99. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

BERGER, P & LUCKMANN, T (1973) *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Ed.Vozes.

BOURDIEU, Pierre (1998) *La domination masculine*. Paris : Editions du Seuil.

BUTLER, J. *Gender (1990) Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge,.

CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno (2012) “Paradoxos” da Economia de Moçambique- modo de acumulação extrativo como método de explicação. <http://www.iese.ac.mz/>

CORNELL, Drucilla, (org) (1987) *Feminismo como crítica à Modernidade*. RJ: Rosa dos Tempos.

Encyclopedia of the Sciences of Learning (2011) Seel, Norbert M. Editor, Faculty of Economics and Behavioral Sciences, Depart. of Education, University of Freiburg-Germany, Springer Ed., 2011, Pp. 2219.

FRANCISCO, Antonio (2012) *Dinheiro não Dá Felicidade, Mas Paga Aquilo que Ela Gasta: Estagnação e Crescimento Económico em Moçambique*. <http://www.iese.ac.mz/>

GIDDENS, Anthony (2002) *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

HUSSERL, Edmund (2001) *Meditações Cartesianas*. São Paulo: Madras Ed. Lda.

----- (1986) *A ideia da Fenomenologia*, Lisboa: Edições 70.

KAUFMANN, Jean-Claude (2004) *Ego: pour une sociologie de l'individu*. Paris: Hachette Literatures.

KIMMEL, Michael. (2000) *Inequality and difference – The social construction of gender relations*. In: *The gendered society*. New York: Oxford University Press.

LOFORTE, Ana Maria (2011) *Algumas Reflexões sobre Formas de Deslegitimação da Violência contra Mulher em Moçambique*. Apresentado na 13ª Assembleia Geral da CODERSIA, Marrocos, dez 2011. (versão temporária).

----- (2008) *Dinâmicas Familiares e percepções de pobreza e género em Moçambique*. In *Outras Vozes*, nº 22, Fevereiro de 2008. www.wlsa.org.mz



Av. Patrice Lumumba, 178 - Maputo
MOÇAMBIQUE

Tel. + 258 21 328894
Fax + 258 21 328895
www.iese.ac.mz